

Paivenses falecidos
no Ultramar Português



OS
NOSSOS
HERÓIS

Manuel da Gama Moreira 1942 - 1965

Foi o primeiro militar da freguesia de Pedorido e do concelho de Castelo de Paiva que faleceu na Guerra do Ultramar.

Nasceu a 15 de Dezembro de 1942 no lugar da Costa, freguesia de Pedorido, concelho de Castelo de Paiva.

Filho de Miguel Moreira, mineiro e de Rosa Moreira da Gama, doméstica.

Era solteiro e tinha a profissão de empregado comercial.

Residia no lugar da Mina da Pedra, da referida freguesia, quando foi incorporado no Exército a 5 de Maio de 1963. Tirou a especialidade de Radiotelegrafista de Artilharia e promovido a 1.º Cabo. Foi mobilizado para a Província Ultramarina da Guiné.

Pertenceu à Companhia de Caçadores 461, dada como reforço ao Batalhão de Caçadores 512 e posteriormente ao Batalhão de Cavalaria 490. Participou em operações militares em Bigene, Barro, Cuntima, Sambuía e Farim.

Foi nas proximidades desta última localidade, que veio a falecer em combate na manhã do dia 22 de Março de 1965.

Foi sepultado no cemitério de Farim. Mais tarde, os seus restos mortais foram trasladados para o Ossário da Liga dos Combatentes em Bissau.

EDITORIAL

José Moreira
Presidente da ACUP



«REGRESSAMOS DIFERENTES»

Esta é a hora...

Amanhã, se Deus quiser, vou chegar outra vez ao Cais da Rocha de onde parti no dia 9 de Janeiro de 1965 para terras de Angola. Vou de novo abraçar aqueles que me são queridos, ver as paisagens dos campos, pisar as pedras das calçadas da aldeia ou da vila. Mas vamos voltar para trás? Decerto não. Em Angola aprendi que Portugal não fica ali só pelo Cais da Rocha, estende-se enorme por toda a parte. Soube também que Angola não é só “uma terra de pretos” que trazemos conquistada, mas sim um grande pedaço nosso desse mundo português do qual ouvi falar. Sei que a população de todas as cores que ali vive verdadeiramente lhe pertenceu. Não, o meu regresso não é voltar para trás porque esta experiência que vivenciei em terras angolanas, o sacrifício que fiz, os riscos que passei, o suor, o sangue e os ossos que ali ficaram do corpo que formamos nos dão esta certeza de que “ser português” não é só viver nos campos e nas aldeias, vilas ou cidades de Portugal que anteriormente conheci. Mas sim, que a nossa nação pertence a esse mundo que agora passei a conhecer. Não sou hoje igual ao homem que no dia 9 Janeiro 1965 partiu, pois depois de ter cumprido o meu dever em Angola sinto-me “mais português e mais de Portugal”. A alegria do regresso, a vontade de abraçar outra vez de novo a esposa, os filhos, os pais, os irmãos, os amigos; de voltar aos lugares que tanta saudade deixavam; o sentimento de dever cumprido e na consciência do valor de que o meu esforço não foi em vão. Uma vez que outros o irão prolongar no tempo e no espaço fora do nosso Portugal, eles irão defender a nossa pátria e honrar os nossos camaradas que perderam a sua vida e não regressaram connosco.

O MEU TESTEMUNHO

«Destino»



Quando a CCAÇ 1558 chegou em Maio de 1966 a Moçambique, foi destacada para uma terra chamada de ILE-ERREGO, no Distrito da Zambézia. Esta zona vivia em paz e por isso foram 9 meses onde o pessoal criou amizades e muitos tiveram aí as suas “namoradas”. Foi uma localidade que deixou saudades a todo o pessoal.

Em Fevereiro de 1967, a Companhia foi deslocada para Nova Coimbra, no Distrito do Niassa, zona onde os guerrilheiros da Frelimo estavam muito ativos. Finalmente a 9 de Março de 1968, a Companhia regressou à Zambézia, desta feita ao Alto Molocué. Vínhamos de 13 longos e muito duros meses em Nova Coimbra, onde infelizmente deixamos um Alferes, três Furriéis e duas praças.

Em 23 de Março, como responsável pela área de Desporto da Companhia, convoquei o Zé Martins para um encontro de futebol que se iria disputar no dia seguinte contra os autóctones da Missão Católica de Nauela. Neste dia, encontrava-me com o Alferes Monteiro na esplanada do Bar do Justo quando nos aparece o Zé Martins a pedir dispensa do jogo de futebol, pois queria ir ao ILE-ERRÊGO. Foi um grande “discussão”. O Zé pediu por várias vezes para não ir a Nauela, preferia ir ao

ILE-ERRÊGO e eu sempre a negar tal pretensão. Até que cedi e lá foi o Zé todo contente. E como eu ainda hoje me culpo pela minha fraqueza!

RELATO DO ACIDENTE:

Pela manhã do dia 24 de Março de 1968, saíram em Hunimog, conduzido pelo Furriel Mecânico, José Manuel Gonçalves, do Alto Molocué para o ILE-ERRÊGO, 18 militares da CCAÇ 1558 e entre eles o Zé Martins, que como soldado condutor devia ser ele a conduzir a viatura. Felizes. Uns iam rever os civis, outros as “namoradas”. Depois do almoço, acompanhados pelo civil, José Rodrigues, foram até Moliquela que dista do ILE 12 Kms, a caminho do GURUÉ (VILA JUNQUEIRO). Na cantina do Duarte, desta localidade, bebeu-se muita cerveja. Regressaram ao ILE e a convite do José Rodrigues iam jantar a sua casa. Eram 18h30, já noite e junto à fonte de água que abastecia o ILE, o Hunimog voltou-se numa reta, presumindo-se que as causas fossem por estar a chover e o veículo fugiu para a berma da estrada, tendo colidido com um monte de terras que o fez capotar. O Zé Martins que não ia a conduzir e o Furriel Higino Cunha ficaram debaixo do separado da cabine da viatura e ainda gritaram, tirem-me daqui! Missão impossível! Do acidente ainda resultou 3 feridos graves e os restantes com ligeiros ferimentos.

Estava a jantar na Messe quando recebemos a notícia. Foi um choque!

Amadeu Silva Neves-Furriel Nota de redacção do Aerograma:

Moçambique 1966/68

O malogrado soldado Zé Martins aqui identificado era José Vieira Martins, que residia no lugar de Oliveira do Arda, freguesia de Raiva, concelho de Castelo de Paiva.

SERVIÇOS ACUP

A ACUP tem hoje um variado leque de serviços ao dispor dos seus associados e familiares e de uma envergadura assinalável na melhoria da qualidade de vida e saúde de todos quantos deles beneficiam.

Assistente Administrativa, Assistente Social, Psicóloga e Advogado são a referência no apoio, encaminhamento e defesa dos direitos dos seus associados. Há trabalho feito e com provas dadas. De que todos nos orgulhamos!

Como condição base para ter acesso a estes serviços é necessária a inscrição como associado da ACUP. E se já o é, ter as quotas em dia. O cumprimento de um dever para ter legítimo acesso a um direito. Todos compreendem que é assim que tem que ser.

Contudo, fique bem claro! Nunca ninguém deixou nem vai deixar de ser apoiado pela ACUP pelo facto de a sua insuficiência económica não permitir satisfazer os seus deveres de associado (pagamento de quota).

A ACUP é e continuará a ser o porto de abrigo dos antigos combatentes.

A ACUP vai organizar uma excursão à Batalha, no dia 14 de abril, sábado, com vista á participação nas comemorações do Dia do Combatente.

Programa:

6 H30. Organização e Saída do Largo do Conde – Castelo de Paiva

10 Horas. Início das Cerimónias

13H 15. Almoço Convívio em Fátima

17H 30. Saída de Fátima- Castelo de Paiva



Passeio ACUP

As inscrições são feitas na Sede da ACUP, (255 689 229, 969 026 750, 936 561 300), ou pelo correio, com o respetivo pagamento até dia 6 de abril.

Preço: Sócio ou Esposa 5 Euros. Não sócio 10 Euros.

Nota-Para os interessados, a ACUP fará o contacto com o Restaurante Adegas em Fátima e reservará o almoço: 10 Euros por pessoa.

O MEU TESTEMUNHO

O rapaz, de vila aldeia de pequena dimensão, tinha 18 anos quando, por imposição, integrou o exército português e assentou praça em Coimbra. Orgulhava-se de dizer que era de Vila Nova de Poiares e não porque isso lhe trouxesse qualquer vantagem, mas, simplesmente, porque era a sua terra e fazia gala em disso. Tornou-se instrutor de condução ao serviço do exército e era com orgulho que, durante a sua vida, dizia ter “dado a carta” a muitos.

Rumou, mais tarde, como quase todos, a Santa Margarida, onde passou vários meses, segundo o próprio, os piores da sua vida, e onde, supostamente, foi preparado para a guerra e para combater no Ultramar.

Ele, como os outros, vivia na incerteza da partida, do sítio para onde seria enviado e o que encontraria. Vivia o medo, próprio e da sua família que por ele temiam, especialmente a mãe e a avó, que já choravam desde o dia em que assentou praça, qual desgraça anunciada.

Finalmente o dia veio. Recebeu a ordem de “embarque” e seria enviado para Moçambique e aí permaneceu ininterruptamente entre 72 a 74, continuando a ser instrutor de condução e, como dizia, a “dar cartas, a brancos e a pretos”.

De guerra apenas lembrava dois ataques, cerca de meia-hora. Do restante tempo, descrevia as picadas, as incursões no mato, as vigias no quartel.

Falava do armamento, mas sem paixão – Nunca mais quis pegar numa arma e nem tão-pouco acompanhava familiares e amigos na caça.

Na verdade, nunca o dizendo, demonstrava temor.

Contava também das injeções que levavam, mas não sabia de quê, sempre dizendo que eram várias numa só e que a seringa era a mesma para todos, alinhados em fila. Apesar disso sempre apanhou

a “febre amarela”, como todos diziam, nunca sabendo ao certo o que seria.

Durante anos os sintomas fizeram-se sentir: Tinha febrões; ficava de cama e o corpo nem sempre respondia como desejava. Nunca se queixou!

Apesar disso, do que mais falava, com verdadeira saudade na voz, era dos jogos de futebol com os miúdos da aldeia, da sala de convívio com bar que herdaram dos anteriores soldados, do cão que tinham como companhia, dos camaradas e amigos – alguns feridos e assistidos -, e do ambiente, são e amistoso, entre locais e portugueses da metrópole. Contava ainda que conheciam bem quem eram os poucos que “minavam” as estradas ou que transportam comida aos guerrilheiros das matas e, por isso, eram ainda mais amigos desses. Dizia ter sido o melhor tempo da sua vida. A magnitude do Lago Niassa que até ondas fazia, como no mar; os animais, gigantes por lá; as comidas

daquele povo, bem boa(!) por comparação à ração de combate e à escassez que às vezes se sentia quando não chegava o carregamento de Portugal. As bananas, essas, eram deliciosas, mas enjoou, nunca mais as comeu desde que regressou à Pátria.

Aquele tinha sido o melhor tempo da sua vida. Os que o rodeavam desconfiavam desta afirmação.

Os terrores nocturnos eram tão frequentes, especialmente nos primeiros anos, que os mais próximos apenas acreditavam naquela afirmação por considerarem que isso podia ajudar. Mas esses pesadelos e terrores continuaram pela vida fora, embora mais ténues...

E as maleitas das doenças que por lá apanhara iam e vinham.

Fizeram-no cair na cama por vezes, ou fazer disparates sem saber.

O pior sempre foram os foguetes. Não os podia ouvir. Odiava-os!

Desde pequena que a filha aprendeu a refugiar-se. Ao mais pequeno sinal, aninharem-se junto ao chão, por detrás de qualquer edifício, ou veículo, o mais próximo. Aprenderam a evitar esses momentos e minutos antes da pirotecnia saíam.

Desde que regressara nunca mais fora acompanhado, nem pelo Estado, nem por médico... Lidava com a situação o melhor que conseguia; talvez esquecendo o pior e recordando o melhor...

Curioso que o mesmo homem que tinha medo de armas e de foguetes e ensinou a filha a evitar esses “bombardeamentos”, a ensinara também a não temer a trovoadas; E que a ensinou a amar África, o seu povo, os seus aromas e sabores, mesmo não conhecendo, também a ensinou a odiar a guerra.

Viveu, penso, entre a saudade e a mágoa; entre a dor e a alegria.

Possivelmente nunca contando o que de pior se terá por lá passado, talvez por ter vergonha de contar ou simplesmente por achar que não são coisas que se possam contar a uma filha.

Esse rapaz, homem, foi o meu pai.

«Extrato do discurso da Dr^a. Lara Henriques de Oliveira, Presidente da Assembleia Municipal de Vila Nova de Poiares, em 25 de Abril de 2016.»

- ◆ DIA DO COMBATENTE, ABRIL;
- ◆ 25 DE ABRIL;
- ◆ ANIVERSÁRIO ACUP, JUNHO;
- ◆ 10 DE JUNHO;
- ◆ RASTREIO E APOIO AOS SEM-ABRIGO

◆ APOIO PSICOLÓGICO E SOCIAL GRATUÍTO (EX-COMBATENTES E FAMILIARES)

◆ PALESTRAS DE DIVERSOS TEMAS INÍCIO EM ABRIL DE 2018

◆ HIDROGINÁSTICA (2ª FEIRAS 10:20 - 11:00; 4ª E 6ª FEIRAS DAS 11:00-11:40)

◆ INFORMÁTICA E ATELIER DE JOGOS DE ESTIMULAÇÃO COGNITIVA (QUINZENAL—SEXTAS À TARDE)

◆ OFICINA MUSICAL E DE DANÇA (DEPENDE DO NÚMERO DE INCRITOS)

◆ SALA DE CONVÍVIO

◆ ATIVIDADES DE CONVÍVIO E LAZER:(COMEMORAÇÃO DE DATAS FESTIVAS, PASSEIO PEDONAL DA PRIMAVERA, LANCHES-CONVÍVIO, BAILES);

◆ RASTREIO DE SAÚDE. (EM PARCERIA COM A CRUZ VERMELHA PORTUGUESA OU COM O PROJETO “P'LOS TRAJETOS DA VIDA”).

ATIVIDADES
ANO: 2018



AEROGRAMA

FICHA TÉCNICA

Propriedade da ACUP
Associação Combatentes do Ultramar Português
SEDE: R. Prof. Egas Moniz, 176 - 4550-146 CASTELO DE PAIVA
Telef.: 255 689 229 - Telem.: 936 561 300
acup.combatentes@sapo.pt

Tiragem: 1000 exemplares

Designe Gráfico: João da Gráfica

Os artigos publicados no "AEROGRAMA" são da inteira responsabilidade dos seus autores



Major Costa Matos e Daniel Roxo
Visão e Eficácia

Decorria o ano de 1962 quando o então Major Costa Matos, foi nomeado governador da Província do Niassa. Nessa altura já Daniel Roxo percorria aquele território em atividades cinegéticas, acompanhado de um pequeno grupo de autóctones que o ajudavam nas suas sortidas pelas matas do noroeste moçambicano.

Natural de Lourenço Marques, o Major Costa Matos revelou-se o governador provincial que melhor entendeu o problema que o país então atravessava, percebendo que o conflito latente nas Províncias Ultramarinas, só se resolveria se fosse possível organizar as populações de forma a retirar à Frelimo o controle psicológico das mesmas. Isto equivale a dizer que o governador foi talvez dos primeiros a perceber que ganhava a guerra quem ganhasse a realidade local, ou seja, as populações. Costa Matos havia feito parte de um conjunto restrito de oficiais que observaram na Argélia, as técnicas de contraguerrilha. Associou a esse facto o seu enorme conhecimento de

África e uma capacidade invulgar de decisão assertiva.

Costa Matos travou uma luta que foi antes de mais nada, contra o tempo. O conflito que decorria em Angola há mais de um ano era um mau presságio, e o governador sabia que se urdia em Dar-es-Salam, uma teia de conspiração para tornar possível uma guerrilha no interior de Moçambique. A fronteira norte era a mais vulnerável. O Niassa, de muito baixa densidade populacional, oferecia zonas onde os guerrilheiros facilmente poderiam construir os seus santuários, tão ao jeito dos ensinamentos das academias chinesas e soviéticas. A única forma de o impedir seria apostar na antecipação à ação psicológica-política da Frelimo.

A primeira preocupação do novo governador é criar um sistema de informações local. Conta para isso com o apoio da 2ª Secção do Quartel General em Lourenço Marques, por onde terá de resto passado antes de ser nomeado. São enviados para o Niassa três homens, destinados a comandar pequenos grupos de sipaios. Estes militares deviam fazer-se passar por caçadores profissionais, financiar as suas atividades com os rendimentos gerados pela venda do produto das caçadas, enquanto recolhiam informações ulteriormente trabalhadas no governo provincial em Vila Cabral. Os tenentes Orlando Cristina e Gomes dos Santos, e o alferes Pestaquinni, deviam trajar à civil, jamais identificar-se como militares, para que a sua missão fosse bem-sucedida.

«Prof. António Carlos Augusto»

Continua no próximo número

HONRANDO A MEMÓRIA



Em sinal de respeito e consideração por aqueles que serviram honrosamente a nossa Pátria, a Bandeira da ACUP vai estar presente nos funerais de antigos combatentes e será colocada na urna durante as cerimónias fúnebres, mas sempre com a devida autorização da Família.

Para que esta missão seja integralmente cumprida, a Direcção da ACUP pede a todos os seus associados e amigos que quando tiverem conhecimento do falecimento de combatentes da sua freguesia, comuniquem de imediato o sucedido, local, data e hora do funeral. (Contactos-255689229, 936561300, 917366877), e agradece desde já o empenho de todos.

Também como um sinal da camaradagem que criaram entre si e um acto de dignidade e consideração, a Direcção da ACUP sugere a todos os antigos combatentes que nos funerais dos nossos camaradas coloquem a sua boina.



ACUP, vai participar no desfile das coletividades e abertura dos jogos desportivos de Castelo de Paiva, dia 25 de Abril.

Concentração junto dos Bombeiros Voluntários pelas 14h30.

É com muito gosto que contamos com a vossa participação. tragam as Boinas e medalhas.

Vamos-nos fazer ouvir com uma Canção como no ano anterior, temos ensaios duas semanas antes no evento. Por favor vão-nos contactar.



ACUP - Associação Combatentes
do Ultramar Português



Os Órgãos Sociais
Desejam a Todos os Associados
E Família Uma Feliz Páscoa

« Os únicos bens duráveis, imutáveis e sem preço,
são o afeto e a solidariedade que se sentem
pelas pessoas queridas. »